

DESAFIOS E ESPECIFICIDADES DA CLÍNICA PSICANALÍTICA COM IMIGRANTES E REFUGIADOS

**Caroline Yu
Claudia Sagula
Heloisa Silva
Liliana Emparan
Lisette Weissmann
Malena Laureti
Vania Prata**

No processo de produção desse trabalho, levamos conosco as ressonâncias do próprio nome deste evento e sua polissemia. Nos sentimos convocadas a partilhar entre tantos presentes aqui nossas reflexões, discussões e vivências que circulam no “entre”: entre muitos, entre pares, entre diferentes. Encontramos no Dicionário Online de Português o substantivo *entretanto* definido como um espaço de tempo entre uma coisa e outra, ou seja, entre duas ações, uma fase intermédia. Esse significado nos remete, primeiramente, ao lugar do analista, bem como à sua posição e comprometimento ético, político e social. Mais além, nos faz refletir sobre o Projeto Ponte como termo que escolhemos para nos nomear e representar, fazendo alusão também a um entre: entre duas margens do rio, dois lados da fronteira, como um caminho a percorrer. Nesse sentido, tampouco nos podemos furtar a incluir em nossa reflexão tanto as possibilidades como as falhas no atravessar desses percursos com as quais nos encontramos no trabalho com migrantes.

Assim inauguramos os temas de nossa reflexão a seguir.

Entretanto: o mundo globalizado, as migrações e a Psicanálise:

O aumento do fenômeno migratório e a produção de sujeitos migrantes, refugiados, exilados, perseguidos, “sem papéis” – como efeito político e multifatorial da globalização – tem provocado intensas discussões na sociedade em geral. Os diferentes discursos que procuram dar conta deste mal-estar contemporâneo revelam, para nós psicanalistas, fortes ambiguidades. Por um lado, observamos discursos que apontam para o desamparo, a perplexidade e as tentativas assistenciais de aplacamento da angústia que o estrangeiro provoca e, por outro lado, nos preocupamos com os movimentos de segregação, violência, xenofobia e exclusão da estranheza e da realidade disruptiva que o migrante e, especialmente, o refugiado delata.

Percebe-se no fenômeno migratório a manifestação latente de um conflito entre a constatação das condições precárias de vida do imigrante no país de origem e a possibilidade de acolhida no país de destino. A migração implica uma condição de estrangeiro, tanto com relação ao país de origem quanto de acolhida. Essa ambiguidade é aprofundada pelo filósofo argelino Abdelmalek Sayad ao se referir a uma contradição fundamental do processo migratório:

Da mesma forma que se impõe a todos –aos imigrantes, é claro, mas também a sociedade que os recebe, bem como a sociedade da qual provém-, essa contradição fundamental, que parece ser constitutiva da própria condição do imigrante, impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente, ou, o que dá na mesma, de um estado que só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição que esse “provisório” possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição que esse “definitivo” jamais seja enunciado como tal. (Sayad, 1998, pág. 45-46)

A angústia diante do estrangeiro pode encontrar na higienização uma possibilidade de restabelecimento do conforto, tendo como medida a aculturação na tentativa de anular a alteridade, obturando o horror que a singularidade provoca. A psicanálise, contudo, caminha na contramão, acolhe o conflito ao invés de eliminá-lo, como Freud anuncia: “eu trouxe a peste”. O autor pensa o conflito como constituinte do sujeito, e ainda assim, não se propõe a excluí-lo, mas fazer deste uma oportunidade de romper com o *status quo*, na medida em que diversas ideias - ainda que contrapostas - possam emergir e dialogar.

Sobre o lugar do estrangeiro/estranho e o sobre o ódio e repulsa ao mesmo, Freud reflete em seu livro “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921):

Conforme o testemunho da psicanálise, quase toda relação sentimental íntima e prolongada entre duas pessoas (...) contém um sedimento de afetos de aversão e hostilidade, que apenas devido à repressão não é percebido. (...) O mesmo ocorre quando as pessoas se juntam em unidades maiores (...) Etnias bastante aparentadas se repelem, o alemão do sul não tolera o alemão do norte, o inglês diz cobras e lagartos do escocês, o espanhol despreza o português (...).

Nas antipatias e aversões não disfarçadas para com estranhos que se acham próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação a seus desenvolvimentos individuais acarretassem uma crítica deles e uma exortação a modificá-los. Não sabemos por que uma suscetibilidade tão grande envolveria justamente esses detalhes de diferenciação; mas é inegável que nesse comportamento dos indivíduos se manifesta uma prontidão para o ódio. (Freud, 1921, p.56-58)

Podemos, dessa forma, fazer um paralelo entre o lugar que a psicanálise ocupa, e que o migrante reivindica, enquanto estranhos/estrangeiros que trazem questionamento e ruptura da suposta homogeneidade subjetiva e social; ambos insistem em habitar antigas-novas terras e territórios recalçados-acessíveis. Sendo assim, tanto a psicanálise quanto a migração - seja pela cultura, língua ou pelo estranhamento frente a esse “diferente”- promovem uma ruptura no encontro com o instituído, por vezes naturalizado, que ambos vêm questionar.

Acreditamos na premissa de que a psicanálise se propõe a escutar, acompanhar e sustentar o discurso do outro, estranho, diferente por excelência, independente se vem de terras estrangeiras ou se habita territórios locais. A escuta e manejo do estranho-familiar permite que se encene o conflito existente no jogo entre inscrição do desejo versus renúncia. Estranho que se contrapõe ao familiar irrompendo e causando o desconforto daquilo que fora banido da consciência e que retorna; estrangeiro que pressupõe uma cultura diferente, frente a uma suposta “identidade nacional e homogênea”. Stuart Hall (2006) aponta para a ilusão de unificação tanto de um suposto sujeito não-dividido, quanto de uma imaginária cultura nacional única. E nos alerta:

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas diferenças internas, sendo ‘unificadas’ apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto –como nas fantasias do eu ‘inteiro’ de que fala a psicanálise laciana- as identidades nacionais continuam a ser representadas como ‘unificadas’. (Hall, 2006, pág. 61-62)

A Clínica com migrantes: psicanálise e política

Decorrente desta complexidade do estranho-estrangeiro, sustentamos a ideia que o imigrante porta uma dupla diferença que precisa de uma escuta atenta pela estranheza e alteridade radical que encarna. Decorrente disto, consideramos que os deslocamentos atuais dos sujeitos migrantes nos convocam como psicanalistas de três formas principais:

- 1- pela necessidade de estudar e pesquisar as migrações atuais como fenômenos sócio-políticos que provocam efeitos na subjetividade;
- 2- através da criação de diferentes formas de escuta e intervenção clínica desses sujeitos deslocados articulando migração, política, psicanálise - pela especificidade do lugar do analista;

- 3- na construção de teorias que sustentem nossa clínica com migrantes.

Esta clínica, portanto, contorna uma particularidade na escuta dos efeitos do deslocamento de um sujeito “entre culturas”, desafiando-nos a pensar naquilo que se repete de tempos em tempos na história, sendo, portanto, da ordem do sintoma, mas que se atualiza frente aos conflitos atuais com as ferramentas que a cultura oferece no tempo presente. Consideramos que migrar é um fenômeno humano atemporal e ao mesmo tempo, um produto histórico, de forma tal que as causas do deslocamento devem ser pensadas e articuladas à história de cada povo e de cada sujeito, sem, contudo, abandonar o pressuposto psicanalítico da escuta ficcional. Como analistas devemos considerá-los sujeitos de sua história e suas escolhas, e não cair na armadilha de vitimizá-los.

Assim, nos apoiamos na fala da psicanalista húngaro-brasileira Caterina Koltai, e na sua interessante articulação entre psicanálise e produções sociais para pensar na dupla incidência do sintoma enquanto produção singular do social. Ela nos recorda que:

Refletir sobre a violência, a guerra, a discriminação parece-me obrigatório, já que são sinais de um mal-estar na civilização, cujos efeitos o analista acolhe em seu consultório sob a forma do sintoma. Quem sabe, a questão possa até ser formulada da seguinte maneira: o sintoma é outro nome do mal-estar na civilização (Koltai, 2000, p.29)

Por isso, como sujeitos e profissionais inseridos no social, nos sentimos convocadas como analistas a dar uma resposta teórico-clínico-política às migrações atuais e seus efeitos nas relações entre os sujeitos e o laço social.

A partir desta premissa e ao refletir sobre uma articulação entre o singular e o social na clínica com migrantes, a autora sustenta que:

Abordamos a figura do estrangeiro como algo que se situa na fronteira do subjetivo singular com o social. Individual e singular de um lado, social e político do outro. Estrangeiro é um conceito que remete a um limite, a uma fronteira entre duas disciplinas, dois corpos teóricos: psicanálise e ciências humanas. (Koltai, 2000, p.21)

O trabalho clínico com migrantes consiste, portanto, na narrativa, construção e elaboração dos motivos e efeitos da migração, visando à apropriação da experiência migratória e desse duplo lugar de estrangeiro na transferência. Isto coloca o analista como testemunha do que acontece na contemporaneidade e implica a sustentação de um lugar de escuta dessa diferença que o migrante encarna, um lugar descolonizado. O lugar do analista comporta, assim, uma sutileza, qual seja, a sustentação de um lugar enquanto representante sócio-político que dá voz ao que a sociedade insiste em abafar, dirigindo os holofotes para às construções dos muros, a arbitrariedade das fronteiras, ao caos dos

campos de refugiados e às fraturas sociais que essa tenta camuflar. Também enquanto escuta da subjetividade velada do migrante, da angústia que este provoca, pois o estrangeiro faz barulho, incomoda, insiste, mobiliza o que é de mais arcaico no humano.

Ilustrativa da dificuldade de lidar com o estrangeiro foi a situação vivida por E, imigrante do Quênia - o quanto ele incomodou na sua chegada ao Brasil, por estar doente, ser africano, negro e necessitar de atendimento de saúde; sua presença e exclusão denunciaram a precariedade dos serviços e a falta de escuta. No serviço público acharam que, pela sua procedência, teria ebola, deixando-o isolado no hospital. Ele não tinha essa doença: o desamparo o fez emudecer. No entanto, o grupo terapêutico pôde ajudá-lo a elaborar esta acolhida traumática, e assim E. diz: “as pessoas não me dão informações corretas por acharem que eu não entendo muito bem o português. Vejo diferenças de tratamento no hospital entre brasileiros e estrangeiros”.

Viñar aborda o lugar do analista na acolhida do traumático, do inominável, especificidade da clínica com migrantes. Nos diz :

... Cabe ao analista sustentar o reconhecimento das duas cenas, do fora e do dentro, sem os confundir, sem fazer conluio entre fantasma e realidade, posição que garante que haja análise. O silêncio indica, assinala este outro fora, faltante, mas ativo, o que não é ainda simbolizável. (Viñar, 1992, p.82)

A especificidade desta clínica:

Reconhecer nos nossos pacientes uma dupla diferença radical é o ponto de partida. Diferença dupla pela superposição entre o estranho ficcional da psicanálise e o estranho real deste migrante vindo de outro país. Radical por representar uma alteridade desafiadora que nos impulsiona a tentar conhecer algo da sua cultura original e compartilhada e os motivos da sua migração: há uma diferença fundamental de culturas, de línguas, de formas de organização social e uma diferença drástica entre as migrações livres e as forçadas.

Desta forma, pensamos que a psicanálise é não só possível, como também necessária ao sustentar o campo da linguagem em que trabalha a reconstrução da história do sujeito via seu discurso.

Sobre a questão, Koltai afirma:

O estrangeiro fascina, atrai, repele. Termo que percorre história e mito provoca, sempre, movimentos da alma: amor, ódio, temor, “amódio” (*hainamoration*). Estrangeiro pode ser tanto o Outro inimigo - que pode ser imigrante, árabe, nordestino, negro ou judeu,

dependendo da cultura e da época - quanto aquele que fascina por ter sobrevivido à separação. “Objeto identificatório e contra-identificatório, diante do estrangeiro o sujeito nunca permanece indiferente, até porque é como se tivesse de fazer existir fora de si algo que lhe é interior” (Koltai, 2000, p. 17)

Para além dessa hostilidade-hospitalidade sentida pelos migrantes, no país de origem e destino, há um trabalho de luto a ser elaborado. No trabalho clínico, seja grupal ou individual, nossos pacientes estão situados entre o luto daquilo que fora perdido ao migrar e o que se apresenta como novo e possibilitador de mudanças no país de destino.

Temos dois pacientes que demonstram dificuldades e diferentes posições na elaboração do luto.

C. está há sete anos no Brasil, de origem chinesa, dizia: “me sinto refém no Brasil pois sou obrigada a viver aqui. Não posso ir embora com os meus filhos”. Já o alemão, T, que está há quatro anos do Brasil, diz: “Meus amigos são muito brincalhões, fazem piadas com tudo. Essas coisas de brasileiro e, às vezes, minha namorada (brasileira) não entende e não gosta, fica muito brava”. T. parece, portanto, que se considera melhor adaptado que sua namorada brasileira, não se permitindo nenhum tipo de estranhamento frente à complexidade de uma manifestação local como a piada e o humor, complexos em qualquer cultura. Os dois falam de uma perda, desde lugares e posições diferentes.

Ou nas palavras de Koltai:

Parte desses deslocados é muitas vezes incapaz de fazer o luto da pátria e língua de origem. Movimento necessário para poder se sentir à vontade na terra e língua do país de acolhimento. Razão pela qual acaba se instalando numa eterna nostalgia. Sonhando com um retorno às origens. Excedendo-se em reivindicações identitárias. Cada vez mais mortíferas. (Koltai, 2012, p. 175)

Como Freud nos relembra nos trabalhos Luto e Melancolia (1917) e Recordar, repetir e elaborar (1914) o trabalho analítico supõe esse delicado trabalho de memória e narrativa, de alinhavo provisório de histórias. No nosso caso, relatos e narrativas ditas em línguas diferentes, em espaços geográficos diferentes e em tempos diferentes: antes e depois da migração.

O analista deve tornar possível o exílio necessário que cada paciente experimenta como condição do advento da sua palavra. Ser sujeito não é essência, mas movimento, errância, um caminhar incessante em seu pensamento, vida sem repouso, sem medir distâncias. (Debieux, 2007, pág.381)

Enquanto testemunha desta narrativa, o analista precisa se encontrar com a própria castração, isto é, ficar de fora, ser excluído desta costura que o migrante realizará entre as culturas de origem e a de destino, reconhecendo os limites do que não pode ser dito e compartilhado por conta dessa dupla estrangeiridade.

O estrangeiro terá que passar necessariamente por uma metamorfose na qual se verá forçado a se separar de um “era uma vez lá longe” para poder viver “agora, nesse outro lugar”. (Koltai, 2012, p.174)

Ao submeter-se ao terceiro, o analista se discrimina, escuta a angústia, sustenta esta passagem, e principalmente é capaz de realizar mediações para além do assistencialismo e vitimização, movimentos estes que, acreditamos, obturam a falta, impedem que se anuncie o sujeito desejante.

Um paciente de origem congoleza G. desafiou sua analista ao lhe perguntar sem rodeios: Você vai me dar um real? Eu preciso de ajuda!! Diante da posição da analista, G. suspira: Bom, pelo menos você está sendo honesta...Todos me prometem coisas e não me dão!!.

Uma armadilha possível é patologizar o migrante devido a sua condição. A migração em si não é patológica mas traz como efeito mudanças radicais que precisam de tempo e trabalho de elaboração.

Como nos diz Ana Costa: “a contribuição que a psicanálise pode dar às políticas públicas diz respeito especificamente a isso: considerar e apostar no sujeito e no seu tempo de elaboração” (Ana Costa, 2013, p. 101).

J. colombiano, começa a elaborar os laços perdidos no seu processo de migração, após 15 anos no Brasil. Ele dizia: “as pessoas estranham que eu ainda tenho um sotaque tão forte...” E também começava a se questionar: “o que é vínculo de fato? eu conheço pessoas diversas mas não sei se tenho amizades formadas aqui no Brasil, e não mantenho muito contato com as pessoas na Colômbia. Será que é algo meu...?”

Pergunta esta que trouxe pela primeira vez a possibilidade de desdobramentos e de se perguntar por que e para quê está no Brasil.

Palavras finais:

Podemos pensar então no lugar do analista e suas interfaces. Somos analistas que exercemos a clínica com migrantes numa instituição que, tem sua história atravessada pela migração, exílio e luta pelos direitos humanos. O Instituto Sedes Sapientiae acolheu perseguidos políticos brasileiros, bem como exilados políticos das ditaduras militares de diversos países latino-americanos, sendo que muitos deles constituíram o Departamento de Psicanálise. Portanto, a partir desta história que nos constitui, podemos pensar nestas superposições entre migração e psicanálise, tanto na fundação do departamento, como na história do SEDES e do nosso trabalho com migrantes.

Para compreender esta injunção, recorreremos à noção de homologia funcional (PINEL, 1989), desenvolvimento da perspectiva de Bleger (1966/1999) sobre a tendência das instituições assumirem a mesma estrutura do problema que visam tratar. Constatamos, assim, a complexidade do sintoma institucional e singular, e a intrincada relação entre ambos. Como membros desta desafiadora clínica, percebemos que estudamos e trabalhamos a partir daquilo que fora vivido e nos constituiu. Afinal somos um desdobramento do próprio sintoma o qual nos dispomos a escutar. Trazemos em nossa bagagem as marcas da migração, do silêncio, dos conflitos políticos e a intolerância.

Portanto, é uma clínica que aproxima a Psicanálise da Política, seja pelas evidentes causas que provocam as migrações, seja pela posição que o analista encarna, seja pelo compromisso com o sofrimento desses sujeitos, a sua luta pelo acesso à cidadania: moradia, emprego, saúde e educação e ao reconhecimento de sua existência como sujeitos entre a origem e o destino.

Neste sentido, como psicanalistas precisamos estar em movimento, nos deslocando pelos espaços de cultura e cidadania por onde os migrantes transitam. Ao mesmo tempo, o conhecimento e o trabalho em rede, com outros profissionais e instituições que recebem estes migrantes, torna-se fundamental.

Somos todos migrantes.

REFERÊNCIAS

- Bleger, José..(1966) *Psicohigiene y Psicología Institucional*. Buenos Aires, Paidós, 1999.
- Costa, Ana. Trauma e diferentes relações à falta. In: Debieux, M. , Carignato, T., Alencar, S. *Desejo e política: desafios e perspectivas no campo da imigração e refúgio*. Max Limonad. São Paulo, 2013
- Debieux, M. Metáforas do deslocamento: imigrantes, migrantes e refugiados e a condição errante do desejo. In: Costa. A e Rinaldi, D. *Escrita e Psicanálise*. Cia de Freud: UERJ, Instituto de Psicologia, 2007.
- Dicionário Online de Português* <https://www.dicio.com.br/entretanto/> - acessado em 11/10/2016.
- Freud, Sigmund. (1914) *Recordar, repetir e elaborar*.]). In: Obras psicológicas de Sigmund Freud. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1917) *Luto e melancolia*.]). In: Obras psicológicas de Sigmund Freud. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1921) *Psychologie des foules et analyse du moi*. In: *Essais de psychanalyse*. Paris (Petite Bibliothèque Payot, 44), 1973.
- _____. (1921) *Psicología de las masas y analisis del yo*. In: *Obras Completas*. Madrid (Editorial Biblioteca Nueva), 1973.
- _____. (1921) *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. In: *Obras Completas*. São Paulo (Companhia das Letras), 2011.
- Hall, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006
- Koltai, Caterina. *Política e Psicanálise*. O Estrangeiro. São Paulo: Ed. Escuta. 2000.
- _____. *Identities mortíferas em tempos de vitimização*. In: Pastori, S. e Nicolau, R. *Encontro transcultural: subjetividade e psicopatologia no mundo globalizado*. São Paulo:Escuta, 2012.
- Pinel, Jean-Pierre. *Les fonctions du cadre dans la prise en charge institutionnelle* IN: *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*, n.13. Toulouse, Erès, 1989..
- Sayad, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.
- Viñar, M e Viñar, M. *Exílio e Tortura*. São Paulo: Escuta, 1992.